



Língua Portuguesa

O texto e sua articulação

Organizadores

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

Neide Luzia de Rezende

Valdir Heitor Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

4

módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sônia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sônia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sônia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, José Muniz Jr. Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

Que Stendhal comp...
leitores, coisa é que adm...
rovavelmente consterna...
tores de Stendhal, nem...
Dez. Livro cinco. Tr...
na qual eu Brás Cubo...
um Xavier de Maistre...
ode ser. Ob...
da melanco...
o. Ad...
uro 1...
anc

Cartas ao Aluno



Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Os módulos de *Língua Portuguesa* deste curso constituem uma forma de levar você, aluno de ensino médio, a refletir sobre a sua língua materna, oferecendo subsídios para melhoria e aprimoramento de seus conhecimentos lingüísticos.

Compusemos o material numa progressão que leva em conta, em primeiro lugar, o seu processo de amadurecimento. Assim, partindo de realidades vivencialmente próximas, o grau de abstração se intensifica dentro da cada unidade e de um módulo para outro.

Estruturamos os módulos em torno de uma posição fundamental: os tópicos gramaticais e textuais constantes do currículo do ensino médio só assumem seu significado pleno quando focalizados a partir da linguagem, entendida como faculdade inerente ao ser humano, pela qual ele interage com seus semelhantes. Por essa razão não fizemos uma separação rígida de assuntos, o que deturparia o caráter essencialmente flexível dos problemas de linguagem.

Dentro desta perspectiva, foram organizados os quatro módulos de *Língua Portuguesa* e seus respectivos conteúdos: variabilidade da linguagem e noção de norma, morfossintaxe das classes de palavras, processos de organização da frase, organização e articulação do texto, o problema da significação e os recursos de estilo.

Preocupamo-nos com que as aulas levem você a refletir criticamente sobre sua vivência lingüística e, em contato com as normas gramaticais vigentes, habilitem-no a interpretar e a produzir textos representativos das mais diversas situações interacionais.

Com o material que preparamos, você terá a oportunidade de rever os pontos mais importantes sobre a *Língua Portuguesa* e fazer atividades para avaliar seu progresso e possíveis dificuldades.

Procure ver essa fase de estudos como mais uma oportunidade de aprendizagem sobre o mundo, a sociedade em que vive e sobre você mesmo. Se você entrar nela com esse espírito, seguramente sairá dela enriquecido – não apenas de conhecimentos para ingressar na Universidade, mas também de informações e pontos de vista novos que servirão em toda a sua vida. Daí, sim, você poderá olhar o mundo com confiança. Você pode não se transformar em um cientista, mas será sem dúvida uma pessoa que tem conhecimentos e informações e é capaz de usá-los da melhor maneira possível. Afinal, vale a pena investir em você mesmo.

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Coordenadora de *Língua Portuguesa*

Apresentação do módulo

Neste módulo, serão discutidas questões relativas à articulação do texto. Trataremos das estratégias lingüísticas para a construção do sentido textual, dos recursos expressivos, da citação, dos níveis de significação do texto e da intertextualidade.

Em cada unidade, após a explicação referente ao conteúdo da disciplina, apresentamos atividades para que você possa praticar o que aprendeu e, em seguida, indicamos sugestões de leitura e atividades complementares.

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Coordenadora de Língua Portuguesa

Unidade 1

Estratégias de articulação do texto: coesão lexical e gramatical

Num texto, certos elementos comparam-se aos fios que costuram entre si as partes de uma vestimenta. Cortados esses fios, o que sobra são simples pedaços de pano.

(Fiorin e Savioli, 1996: 367).

Ao analisarmos essa afirmação dos autores, verificamos que um texto bem construído é aquele que permite ao leitor compreender o que está sendo dito, sem que este se perca entre os enunciados que o constituem, nem perca a noção de conjunto. É possível, portanto, perceber a conexão existente entre os vários segmentos textuais e compreender que todos estão interligados, criando um todo coeso e coerente.

Para exemplificar o que foi dito, observemos o texto a seguir.

(1)

Para os humanistas renascentistas e os filósofos iluministas do século XVIII, a Idade Média foi um período soturno, coberto pela longa noite da superstição, governado pelo obscurantismo de senhores e párocos, marcado pelo fanatismo religioso, povoado por camponeses famintos e vulneráveis aos acidentes da vida. Enfim, a *Idade das Trevas*.

Ao longo do século XIX e até a segunda metade do século passado, essa visão negativa da Idade Média passou de geração em geração, abandonada pelos livros didáticos. Até que historiadores do século XX, os medievalistas na vanguarda, começaram a desmontar esse mito historiográfico.

Estudos recentes revelaram as profundas transformações ocorridas nos séculos XIV e XV. Os casamentos freqüentemente eram arranjados pelos pais, mas o rapto por mútuo consentimento era o expediente empregado pelas moças para escolher seus maridos. Os bordéis acolhiam alegremente os celibatários, com as bênçãos da municipalidade, preocupada em preservar a virtude das donzelas. Estas tomavam parte nas festas, em que o flerte era a atividade principal. A homossexualidade era tolerada, desde que respeitasse conveniente discrição. Os desvalidos contavam com um meio urbano solidário, que engendrou diversos mecanismos de proteção social. Já no século XII, uma sociedade desejosa de saber criou a universidade e o poder estudantil, e estimulou o uso da escrita. Logo, a escola se tornou estratégia de ascensão social, e jovens de ambos os sexos, mulheres em menor número, buscaram nos

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

livros um lugar na sociedade. Definitivamente, foram dissipadas as trevas que deformaram a nossa visão de Idade Média.

(Novas luzes revelam outra Idade Média. In: *História Viva*. São Paulo: Editorial Duetto, ano I, nº 5, março de 2004, p; 28).

Como você pode verificar, os enunciados desse texto não estão aglomerados caoticamente, mas estritamente interligados, permitindo que se perceba a conexão entre as partes. A essa conexão interna entre os vários segmentos presentes no texto dá-se o nome de *coesão*. Portanto, um texto coeso é aquele que apresenta enunciados “organicamente articulados entre si” (Fiorin e Savioli, 1990: 271), ou seja, quando há concatenação entre as idéias apresentadas por meio da articulação das palavras e frases.

A coesão de um texto não é fruto do acaso. Na verdade, é o resultado das relações de sentido estabelecidas entre os enunciados. Essas relações são manifestadas por determinadas categorias de palavras, as quais são denominadas elementos de conexão ou *conectivos*. A função destes elementos é a de colocar em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados.

Voltando ao texto (1), podemos observar a função de alguns desses elementos de coesão.

No primeiro parágrafo, após encadear (por meio do uso de adjetivos, participípios e pontuação) uma série de caracterizações feitas pelos humanistas renascentistas e os filósofos iluministas sobre a época medieval (“foi um período *soturno*, *coberto* pela longa noite da superstição, *governado* pelo obscurantismo de senhores e párocos, *marcado* pelo fanatismo religioso, *povoado* por camponeses famintos e vulneráveis aos acidentes da vida”), o autor do texto sintetiza a idéia básica que deseja transmitir ao seu leitor. Para isso, faz uso do advérbio *enfim* indicando que passará a introduzir o último enunciado desse parágrafo que define o período histórico analisado sob tal ótica: “*Enfim*, a Idade das Trevas”.

Já no segundo parágrafo, o autor precisa apresentar as idéias relativas à perspectiva dos historiadores do século XX que se contrapõem àquela dos estudiosos mencionados anteriormente. Contudo, antes de anunciar essas novas idéias, ele retoma o ponto de vista desenvolvido no primeiro parágrafo por meio de “*essa visão negativa* da Idade Média passou de geração em geração...”. Aqui a conexão é estabelecida por meio da expressão nominal (“visão negativa”) que define como os estudiosos anteriores à segunda metade do século XX viam a Idade Média. Como essa explicação já havia sido feita, o autor faz uso do pronome demonstrativo *essa* que, por ser um pronome anafórico – isto é, serve para fazer uma retomada –, exige a atenção do leitor para buscar o sentido no elemento antecedente (nesta ocorrência, diz respeito a todo o primeiro parágrafo).

Ainda neste parágrafo, temos o uso da preposição *até*, sendo empregada para estabelecer uma relação semântica de tempo. Vejam-se os trechos:

- a. “Ao longo do século XIX e *até* a segunda metade do século passado...”, em que a preposição *até* estabelece uma relação semântica de momento no tempo a que se chega uma ação/processo/estado, e o termo *século passado* expressa o limite final temporal.
- b. “*Até que* historiadores do século XX (...) começaram a desmontar esse mito historiográfico”, em que a preposição *até+que+oração com verbo finito* indica limite temporal.

No último parágrafo, encontramos, por exemplo, um trecho em que o autor fala a respeito dos casamentos na Idade Média: “Os casamentos frequentemente eram arranjados pelos pais”; no segmento seguinte, expressa uma informação contrária à primeira e, para introduzir essa segunda oração, precisa empregar um elemento de coesão que estabeleça a relação pretendida, no caso o conectivo *mas* (conjunção coordenativa adversativa).

Continuando a observar os recursos coesivos empregados na construção deste parágrafo, encontramos outros importantes, como:

- a. pronome demonstrativo *estas*: no trecho “*Estas* tomavam parte nas festas”, em que o pronome retoma o termo imediatamente anterior (“... donzelas”), por meio de uma anáfora, isto é, para preencher a forma pronominal que é esvaziada de sentido, o leitor precisa voltar ao segmento anterior e estabelecer a relação entre os dois segmentos.
- b. pronome relativo *em que*: no trecho “nas festas... *em que* o flerte era a atividade principal”, serve para retomar o termo *nas festas*, introduzindo a oração subordinada adjetiva.
- c. locução conjuntiva *desde que*: no trecho “A homossexualidade era tolerada, *desde que* respeitasse conveniente discrição”, a locução introduz uma oração que implica condição para que a oração anterior se realize. A oração subordinada é denominada pela gramática normativa de oração subordinada adverbial condicional.
- d. advérbio *definitivamente*: ocorre no segmento final “*Definitivamente*, foram dissipadas as trevas que deformaram a nossa visão de Idade Média”. Nesse trecho, o advérbio que é classificado pela gramática normativa como advérbio de modo (adjetivo *definitivo* + sufixo *-mente*) serve para apresentar a avaliação final do autor a respeito da Idade Média, exercendo a função de um advérbio modalizador que introduz a conclusão do texto; ou seja, o conteúdo do que se afirma por meio desse advérbio é dado como um fato partilhado entre autor e leitor, e que é reforçado pelo advérbio.

Por meio dos elementos levantados no texto (1), você pôde ver que são várias as palavras que, num texto, assumem a função de conectivo ou elemento de coesão:

- as preposições: a, até, de, para, com, por etc;
- as conjunções: e, mas, ou, embora, que, para que, quando etc;
- os advérbios: aqui, aí, lá, agora, já, enfim, logo etc;
- os pronomes: ele, ela, seu, sua, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, que, o qual etc.

Há, portanto, dois tipos básicos de coesão:

- 1- A retomada de termos, expressões ou frases já ditas ou a sua antecipação:
 - a. por uma palavra gramatical (pronomes, verbos *ser e fazer* – Paulo estuda e José faz o mesmo –, numerais, advérbios);
 - b. retomada por palavra lexical (substantivos, verbos, adjetivos).

2- O encadeamento de segmentos do texto:

- a. *conexão*: é realizada por conectores ou operadores discursivos (também denominados conectivos ou conjunções pela gramática normativa), que devem ser vistos como elementos que trazem para o texto uma orientação argumentativa, e não como meros elementos relacionais. São exemplos de conectores: e, mas, porém, embora, portanto, já que, pois etc. Desse modo, este item engloba muitos outros termos que fazem parte de vocábulos que, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), não se enquadram nas dez classes gramaticais. Bechara, por exemplo, denomina essas palavras de: denotadores de inclusão (até, mesmo, também); de exclusão (só, apenas, senão); de retificação (aliás, ou melhor); de situação (então, afinal). Estas são palavras ou expressões responsáveis pela concatenação ou encadeamento de relações entre os segmentos textuais.
- b. *justaposição*: faz-se pelo estabelecimento da seqüenciação com ou sem o uso de conectores. Quando o texto se organiza sem seqüenciadores, cabe ao leitor reconstruir, com base na seqüência apresentada, os operadores discursivos que não estão presentes na superfície textual. Nesse caso, o lugar do conector é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto) e, na fala, pelas pausas. A justaposição com conectores estabelece um encadeamento coesivo entre porções maiores ou menores da superfície textual e pode ser marcada por: seqüência temporal (dois meses, uma semana, ontem); ordenação espacial (à esquerda, atrás, abaixo); especificação da ordem dos assuntos (primeiro, a seguir, finalmente); introdução de um dado tema ou para mudar de assunto (por falar nisso, a propósito, mas voltando ao assunto, fazendo um parêntese).

O uso apropriado desses elementos de coesão garante unidade ao texto e contribui, de modo considerável, para que as idéias sejam expressas com clareza e adequação.

Vejam o texto (2), publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 27 de agosto de 2004 – caderno A, p.6:

(2)

Ele sempre nos leva a lugares novos, interessantes. Ele vai e apresenta onde vamos viver. Defende e briga por nós. Consegue o melhor para a gente. Ele nos providencia uma moradia. Ele se preocupa com a gente. Depois de um tempo, aparece com uma proposta incrível. Uma casa na praia ou no campo. Ele se importa com o lugar onde vamos passar as férias com a nossa família. Ele não tem obrigação de pensar nisso, mas, mesmo assim, pensa. Nossa satisfação, nosso sorriso no rosto de estar bem abrigado é a sua alegria. Ele vive pra isso. Até quando o assunto é trabalho, ele está lá para nos orientar. "Aqui sua empresa vai decolar", diz orgulhoso, do alto de toda a sua experiência. Ele sabe das coisas. Ele sabe que nós precisamos dele. E ainda bem que ele sempre está lá, à nossa disposição.

Uma homenagem do Grupo Cyrela ao Dia do Consultor Imobiliário

Av. Brigadeiro Faria Lima, 3400 – 10º andar

Itaim Bibi SP

www.cyrela.com.br

Ao iniciar a leitura, podemos estranhar que o texto comece com um pronome *ele* que só vai ser preenchido se chegarmos ao final. O uso dessa estratégia coesiva de antecipação, denominada *catáfora*, indica que devemos procurar nos elementos que se seguem onde está o sentido textual (*ele* = consultor imobiliário, que somente será percebido se o leitor observar os elementos contextualizadores da propaganda, ou seja, os elementos que ancoram o texto: “título”, quem produziu, onde foi publicado, data). Essa estratégia cria certa curiosidade e expectativa, fazendo com que o leitor avance e busque o sentido. Antes de chegar a preencher o sentido do pronome *ele*, o leitor pode constatar que o enunciador usa repetições do item lexical (*ele*) ou em outros momentos usa o recurso da elipse (a forma verbal em 3ª pessoa sem uso do pronome explícito).

Atividades

1. Releia a propaganda acima e levante outros elementos coesivos estudados nesta unidade, além da repetição do pronome *ele* e de sua elipse.

2. Analise, nos textos colocados a seguir, os processos coesivos de construção do referente (atente para as escolhas lexicais e sintáticas) e explique como a coerência (organização de sentido) é construída. Observe também a pontuação de cada um dos textos e comente.

Texto A

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
 que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história.

(Andrade, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 26)

Texto B

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham...

Eta vida besta, meu Deus.

(Andrade, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 23)

Texto C

Relatório ao governador

(texto redigido pelo então prefeito de Palmeira dos Índios – Graciliano Ramos – no estado de Alagoas, em 10/11/1929)

O principal (...) foi estabelecer alguma ordem na administração. Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desajassem administrar. Cada pedaço do Município tinha a sua administração particular, com Prefeitos coronéis e Prefeitos inspetores de quartelão. Os fiscais, esses resolviam questões de polícia e advogavam. Para que semelhante anomalia desaparecesse, lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela – dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bÍlis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos do Nosso Senhor, que administrava melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro. Dos funcionários que encontrei em janeiro passado restam poucos. Saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam nas contas. Devo muito a eles. Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser pior. (...)

Cuidei bastante da limpeza pública. As ruas estão varridas, retirei da cidade o lixo acumulado pelas gerações que por aqui passaram; incinerei monturos imensos, que a Prefeitura não tinha recursos suficientes para remover. Houve lamúrias e reclamações por se haver mexido no cisco preciosamente guardado nos fundos dos quintais; lamúrias, reclamações, ameaças, guinchos, berros e coices dos fazendeiros que viram bichos nas praças. Durante meses mataram-me o bicho do ouvido com reclamações de toda a ordem contra o abandono em que se deixava a melhor entrada para a cidade. Chegaram lá pedreiros – outras reclamações surgiram, porque as obras irão custar um horror de contos de réis, dizem. Custarão alguns, provavelmente. Não tanto quanto as pirâmides do Egito, contudo. O que a Prefeitura arrecada basta para que nos não resignemos às modestas tarefas de varrer as ruas e matar cachorros. (...)

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis. Evitei emaranhar-me em teias de aranha. Certos indivíduos, não sei por que, imaginam que devem ser consultados; outros que se julgam autoridade bastante para dizer aos contribuintes que não paguem impostos. Não me entendi com esses.

Há quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anônimas, e adoeça, e se morda por não ver a infalível maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que dela se servem como assunto invariável; há quem não compreenda que um ato administrativo seja isento de lucro pessoal; há até quem pretenda embarçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras dos caminhos. Fechei os ouvidos, deixei gritarem, arrecadei 1:325\$500 de multas.

Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram da inteligência, que é fraca.

Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome. Não me fizeram falta.

Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos.

(“Um certo prefeito de Alagoas”, matéria publicada na revista *História viva*, março de 2004, p. 88-94, por Ruy Tapioca).

Texto D

De unhas pintadas, mas muito machos



Eles usam cremes para o rosto e corpo, praticam ginástica, cuidam do cabelo, fazem as unhas, depilam as sobrancelhas, estão sempre vestindo roupas da moda (e de grife) e – acredite – não são gays. Metrossexual foi o termo criado pelo jornalista inglês Mark Simpson para classificar o homem heterossexual que tem dinheiro, vive na ou próximo da metrópole e que se preocupa com a aparência.

O escolhido para simbolizar esse novo homem, que continua gostando de mulheres, mas não dispensa uma tarde no cabeleireiro, foi o capitão da seleção inglesa de futebol David Beckham – cujos atributos físicos foram (justamente) homenageados em um vídeo, exibido em uma galeria de arte de Londres, denominado ‘David’, referência à escultura de Michelangelo sobre a perfeição masculina.

Para quem acha que homem vaidoso não é macho, Miriam Goldemberg, antropóloga da UFRJ, explica que antes da Revolução Francesa, os homens se enfeitavam tanto ou mais do que as mulheres. Depois foram proibidos de ter um tipo de vaidade associada à aparência. Sinal dos tempos, agora quanto mais arrumado, melhor.

(Texto retirado da Revista *Galileu*, junho de 2004, nº.155 – também disponível no site www.galileu.globo.com)

3. Leia a declaração de Giorgio Armani (estilista italiano de 70 anos, dono da grife que leva seu nome, com 250 lojas espalhadas pelo mundo, incluindo quatro no Brasil) dada à jornalista Bel Moherdauí, em entrevista à *Veja* e publicada em 6 de outubro de 2004, nas páginas amarelas. A seguir, comente a respeito do processo de articulação textual; ou seja, quais estratégias de coesão foram empregadas? Levante cada uma delas e explique.

Pergunta feita pela *Veja* – Ultimamente o senhor tem trabalhado bastante com esportistas. Veste o time inglês de futebol, agora também a seleção italiana de basquete e chamou o brasileiro Kaká para estrelar uma de suas campanhas. Por quê?

Armani – O esporte, como a música, atrai muitos jovens. Não tem fronteiras, não tem diferenças. E esse tipo de público cosmopolita é meu público-alvo. Além disso, tem a vantagem de que, em geral, os esportistas são muito bonitos. São quase modelos e, ao mesmo tempo, são ídolos. Se vestem Armani, melhor ainda. (p. 15).

RITMO E SONORIDADE

Outra estratégia de coesão que devemos estudar são os recursos expressivos: ritmo e sonoridade. Segundo a professora Leonor Lopes Fávero, em seu livro *Coesão e coerência textuais*, o ritmo é um elemento importante na formação do texto. “A duração relativa das sílabas está ligada, de um lado, à posição das pausas, acentos e entoação; de outro, a mudança do tempo pode constituir por si só uma função delimitadora ou de realce” (1995, p. 30).

Para entendermos melhor a função do ritmo na obtenção da coesão, devemos observar a sucessão de movimentos que se estabelecem no jogo textual. Assim, vejamos o poema simbolista:

(3)

A E I O U

Manhã de primavera. Quem não pensa
Em doce amor, e quem não amará?
Começo a vida. A luz do céu é imensa...
A adolescência é toda sonhos. **A.**

O luar erra nas almas. Continua
O mesmo sonho de oiro, a mesma fé.
Olhos que vemos sob a luz da lua...
A mocidade é toda lírios. **E.**

Descamba o sol nas púrpuras do ocaso
As rosas morrem. Como é triste aqui!
O fado incerto, os vendavais do acaso...
Marulha o pranto pelas faces. **I.**

A noite tomba. O outono chega. As flores
Penderam murchas. Tudo, tudo é pó.
Não mais beijos de amor, não mais amores...
Ó sons de sinos a finados! **O.**

Abre-se a cova. Lutelenta e lenta,
A morte vem. Consoladora és tu!
Sudários rotos na mansão poeirenta...
Crânios e tíbias de defunto. **U.**

(Guimaraens, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960, p. 506)

No poema o autor emprega as vogais, que dão título ao texto, para encerrar cada uma das estrofes. Entretanto, essas vogais servem não só para efeito de rima, como também para revelar valores simbólicos em relação às fases da vida do homem descritas em segmento.

Os recursos de motivação sonora – por exemplo, assonâncias, aliteraões, ritmo, rima – auxiliam no estabelecimento da coesão, fazendo o texto progredir de maneira especial. Leia o texto:

(4)

Relógio

As coisa são
As coisas vêm
As coisas vão
As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão

(Andrade, Oswald de. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1967, p. 41)

Neste texto, a linguagem é organizada de tal modo que transforma o caráter linear da sintaxe verbal e recupera analogicamente as qualidades físicas,

sensíveis do objeto descrito. O movimento da ida e vinda das palavras (sonoridade) no seu campo de relações (umas com as outras) acaba sugerindo o movimento pendular do relógio. A descrição feita pelo poeta não diseca o relógio em seus componentes, mas flagra uma estrutura cíclica à maneira do movimento cíclico do tempo (relógio).

Usando recursos modernos da propaganda, o texto (5) – criado em 1957 pelo poeta Décio Pignatari – já é considerado um clássico da poesia concreta. Nele, há a crítica ao produto e também à estratégia persuasiva usada nos anúncios que divulgam esse produto. Assim, a partir do *slogan* “Beba Coca-Cola”, o poeta elabora permutações intencionais e obtém uma anti-propaganda que denuncia o domínio de uma fórmula sobre as massas. Cabe destacar que a ironia é a chave para compreender o poema.

(5)

beba coca cola
 babe cola
 beba coca babe cola caco
 caco
 cola
 cloaca

(*Poesia Pois É Poesia*. Concreta. São Paulo: Duas Cidades, 1977, 113).

Segundo os críticos literários, esse texto é um exemplo significativo de poesia participante num momento em que a forma é rigorosa e essencial para a estética.

Atividades

1. Leia o texto colocado abaixo de autoria do poeta Augusto de Campos:

pluvial / fluvial

p
 pl
 plu
 pluv
 pluvi
 pluvia
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial

(In: *Antologia da literatura brasileira*. Antonio Medina Rodrigues et. al. São Paulo: Marco Editorial, 1979, vol. II, p. 350)

2. Partindo da idéia de que, em poesia, o som se acha sempre associado ao sentido, registre algumas sensações provocadas pelo texto.

3. Esse poema concreto é formado pela disposição reiterada dos adjetivos pluviial (*de chuva*) e fluviial (*de rio*). O primeiro escrito na vertical e o segundo, na horizontal. Dê sua impressão visual sugerida pelo poema.

SUGESTÕES DE LEITURA

Como já foi dito nos módulos anteriores, é importante que você leia constantemente jornais e/ou revistas para manter-se atualizado. Também é necessário ler as obras básicas da literatura nacional e internacional para poder refletir sobre o trabalho com os textos, sua construção e organização de sentido.

Se você deseja ler livros e não tem tempo de ir à biblioteca, pode consultar os *sites* de bibliotecas virtuais; neles você encontrará textos completos de livros de diversos autores indicados para os principais vestibulares do país:

www.bibvirt.futuro.usp.br (neste *site* você pode consultar as principais obras indicadas no vestibular da Fuvest);

www.uol.com.br/cultivox (aqui você encontra mais de 300 e-livros – livros eletrônicos – grátis);

www.bibliotecavirtual.org.br (*site* da biblioteca virtual da UFBA).

<http://sites.uol.com.br/fredb> (Leituras na Rede é o *site* criado pelo escritor e professor Frederico Barbosa; nele você pode ler a edição integral de algumas das obras fundamentais das literaturas brasileira e portuguesa)

Para saber mais sobre Graciliano Ramos, autor que utilizamos em um dos textos desta unidade, consulte os seguintes livros:

MORAES, Denis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LIMA, Valdemar de. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

LIMA, Mário Hélio Gomes de (org.) *Relatórios*. Recife: Record, 1994.

Você ainda pode navegar pelo *site* www.graciliano.com.br produzido pela família do escritor. Nele encontrará notícias sobre sua obra, manuscritos, álbum de família etc.

Para obter mais informações sobre poesia concreta, leia “Poesia Concreta” – seleção de textos notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Iumna Maria Simon e Vinicius de Ávila Dantas (orgs.). *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1982.

Para conhecer mais sobre coesão e coerência textuais, consulte os seguintes livros:

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 3.ed. São Paulo: Ática (série princípios), 1995.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore G. V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

Unidade 2

Discurso reportado (citação):

discurso direto, indireto e indireto livre

Ao construir um texto, você pode mostrar a presença de outras vozes, trazendo para a cena e demarcando lugares e limites; pode ainda deixá-las implícitas, por conta da memória do leitor. Entretanto, para escolher dentre as várias possibilidades que a língua oferece, é preciso conhecer um pouco cada um desses recursos lingüísticos.

Num texto narrativo, entram em cena personagens que dialogam entre si, manifestando seu discurso. Nesta unidade, vamos estudar os recursos que o narrador pode utilizar para reproduzir o discurso de tais personagens, ou seja, como ele insere na narrativa a fala que não lhe pertence.

Basicamente, há três recursos para citar o discurso do outro: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Vejamos cada um deles:

DISCURSO DIRETO

As histórias em quadrinhos e as *charges* usam, frequentemente, o discurso direto. Nesse gênero textual, a fala de cada personagem é associada diretamente à sua imagem, permitindo ao leitor apreender as diversas vozes mostradas no texto.

(1)

Rato de Sebo

® Custódio



Nesta tirinha, o narrador-personagem conta a sua história em 1ª pessoa, mas no momento em que instaura outra personagem, o anjo torto, o narrador passa a palavra para essa personagem, afastando-se da cena. Nos quadrinhos, o recurso usado é o balão, que contém a fala literal da personagem: “Vai ser rato de sebo na vida!” ou “Você bem que podia ajudar, né???”.

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Observemos, agora, como se dá o uso desse recurso em uma narrativa literária:

(2)

Governar

Os garotos da rua resolveram brincar de Governo, escolheram o Presidente e pediram-lhe que governasse para o bem de todos.

– Pois não – aceitou Martim. – Daqui por diante vocês farão meus exercícios escolares e eu assino. Clóvis e mais dois de vocês formarão a minha segurança. Januário será meu Ministro da Fazenda e pagará meu lanche.

– Com que dinheiro? – atalhou Januário.

– Cada um de vocês contribuirá com um cruzeiro por dia para a caixinha do Governo.

– E que é que nos lucramos com isso? – perguntaram em coro.

– Lucram a certeza de que têm um bom Presidente. Eu separo as brigas, distribuo as tarefas, trato de igual para igual com os professores. Vocês obedecem, democraticamente.

– Assim não vale. O Presidente deve ser nosso servidor, ou pelo menos saber que todos somos iguais a ele. Queremos vantagens.

– Eu sou o Presidente e não posso ser igual a vocês, que são presidi-dos. Se exigirem coisas de mim, serão multados e perderão o direito de participar da minha comitiva nas festas. Pensam que ser Presidente é moleza? Já estou sentido como este cargo é cheio de espinhos.

Foi deposto, e dissolvida a República.

(Andrade, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 83).

Levando em conta os dados que nos interessam, podemos destacar que o narrador observador, em 3ª pessoa, introduz o conto revelando que os garotos envolvidos na narrativa resolveram brincar de Governo. A personagem, Martim, aceita ser o Presidente e impõe suas condições. A seguir, Januário questiona com que dinheiro pagará o lanche do Presidente. As demais falas seguem a mesma perspectiva: os garotos perguntam sobre suas dúvidas em relação ao Governo e Martim vai respondendo a cada um.

Ao ler toda a história, você pode constatar que o narrador reproduz a fala das personagens através das próprias palavras proferidas por eles. Tudo se passa como se nós, leitores, estivéssemos ouvindo a conversa dessas personagens, ou seja, como se estivéssemos em contato direto com elas. Exatamente por criar esse efeito é que esse tipo de discurso é denominado discurso direto.

Esse discurso apresenta algumas marcas importantes:

- a. a fala da personagem é acompanhada de um verbo que explica ou anuncia quem fez uso da palavra (“aceitou Martim”, “atalhou Januário”, “perguntaram em coro”). Esses verbos são denominados *verbos dicendi* ou *verbos de dizer* (dizer, responder, perguntar, afirmar, retrucar e outros com as mesmas características).
- b. de modo geral, antes da fala de cada personagem usa-se travessão. Se o *verbo de dizer* for usado antes do discurso direto, usa-se dois pontos. Por exemplo:

Os garotos perguntaram em coro:

– E que é que nos lucramos com isso?

- c. o tempo verbal, os pronomes e as palavras dependentes da situação são usadas literalmente, pois são elementos determinados pelo contexto em que se inscreve a personagem que está com a palavra: a personagem usa a 1ª pessoa; para interagir com o interlocutor, usa a 2ª pessoa; os tempos verbais são ordenados em relação ao momento da fala (eu/tu-aqui-agora).

DISCURSO INDIRETO

Observando um pequeno fragmento do romance *Helena* de Machado de Assis, vejamos agora outro procedimento para citar a fala de uma personagem, o chamado discurso indireto:

(3)

(...) [Estácio] Cercou-a [Helena] de cuidados, buscou distraí-la, pediu-lhe que fosse repousar um instante. Para justificar a explicação que dera, Helena obedeceu às instruções do irmão. Este foi encerrar-se no gabinete, onde se ocupou a examinar e colecionar alguns papéis.

(In: *Obra Completa*. Vol. I – Romance. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 324).

Para citar a fala da personagem Estácio, o narrador não reproduz literalmente a fala dessa personagem, mas emprega suas palavras de narrador para comunicar o que Estácio pediu a sua irmã Helena. A fala de Estácio chega ao leitor de maneira indireta, isto é, pelas palavras do narrador; por isso tal recurso lingüístico denomina-se discurso indireto.

O discurso indireto apresenta algumas características básicas:

- vem introduzido por um verbo de dizer;
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente a conjunção *que* ou *se*, e não por sinais de pontuação. No fragmento citado, temos: pediu-lhe *que* fosse repousar;
- o tempo verbal, os pronomes e as palavras dependentes da situação são determinados pelo contexto em que se inscreve o narrador e não a personagem: o verbo ocorre na 3ª pessoa, o tempo verbal correlaciona-se com o tempo em que se situa o narrador, e o mesmo ocorre com os demais recursos lingüísticos de situação (advérbios, pronomes etc.).

Confrontemos o discurso direto com o indireto.

Discurso direto:

O pai chamou o filho e perguntou:

– Quem quebrou este vidro, meu filho?

Discurso indireto:

O pai chamou o filho e perguntou-lhe quem havia quebrado aquele vidro.

É importante notar, ainda, que na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Vejam os um fragmento de “Cadeia”, o terceiro capítulo do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, em que o narrador revela que a personagem Fabiano havia ido à cidade para comprar mantimentos, enquanto a mulher – Sinhá Vitória –, os filhos e a cachorra Baleia haviam ficado em casa. Depois de fazer algumas compras, Fabiano foi beber pinga. Quando estava na bodega de seu Inácio, chegou um “soldado amarelo” e o obrigou a “jogar um trinta-e-um”. Fabiano perdeu e saiu furioso da sala de jogo. Enquanto matutava sobre o ocorrido debaixo de um pé de jatobá, ressurgiu o provocador – o soldado amarelo – que insulta Fabiano e prende-o. Na cadeia, Fabiano leva uma surra e é trancafiado na companhia de um bêbado e de outros homens que tinham feito uma fogueira “que enchia o cárcere de fumaça”:

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. (...)

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, um tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

(in *Vidas Secas*. 53.ed. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 35-36).

Nesse fragmento, não há indicadores muito evidentes dos limites entre a fala do narrador em 3ª pessoa (narrador onisciente) e a fala da personagem Fabiano. Trata-se, na verdade, de um texto em que predomina o discurso indireto livre, ou seja, a representação da fala interior da personagem diretamente inserida na linguagem do narrador.

Após uma breve introdução (“Acordou sobressaltado”), o leitor – guiado pelo narrador – já se encontra dentro da consciência de Fabiano e começa a “ouvir” o que a personagem “fala” interiormente, na medida em que as idéias vão surgindo.

Para esclarecer melhor, confrontemos um enunciado retirado do texto (em discurso indireto livre) com os correspondentes em discurso direto e indireto.

Discurso indireto livre

Acordou sobressaltado. **Pois não estava misturando as pessoas, desatinando?**

Discurso direto

Fabiano acordou sobressaltado e começou a pensar: Pois não estava misturando as pessoas, desatinando?

Discurso indireto

Fabiano acordou sobressaltado e começou a pensar que poderia estar misturando as pessoas, desatinando.

A partir dos exemplos, você pode notar que o discurso indireto livre corresponde a uma espécie de discurso indireto do qual foram excluídos os *verbos de dizer*, que servem para anunciar a fala das personagens, e a partícula introdutória (*que, se*). No fragmento do capítulo “Cadeia”, predominam as formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Cabe lembrar que o pretérito imperfeito do indicativo sempre foi o mais adequado às descrições e narrativas. Seu efeito principal é transportar o leitor a uma época passada e descrever o que então era presente. O pretérito perfeito do indicativo aparece em dois momentos importantes, apenas dentro da linguagem do narrador: quando se descreve a personagem em “close-up”, preparando a abordagem de sua consciência (“Acordou sobressaltado”), e quando após o trecho em discurso indireto livre o narrador retoma a sua própria linguagem para acrescentar novas informações (“OuvIU o falatório”).

Outro ponto a destacar é que no discurso indireto livre as ordens, súplicas, pedidos, perguntas são conservados nas formas imperativa e interrogativa. Nele, destacam-se os elementos expressivos, as exclamações, interjeições etc.

Atividades

1. Transforme os trechos que estão elaborados em discurso indireto para discurso direto, e depois explique os recursos lingüísticos empregados:

a. Paulo balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima idéia.

b. Ana concordou que era a melhor solução.

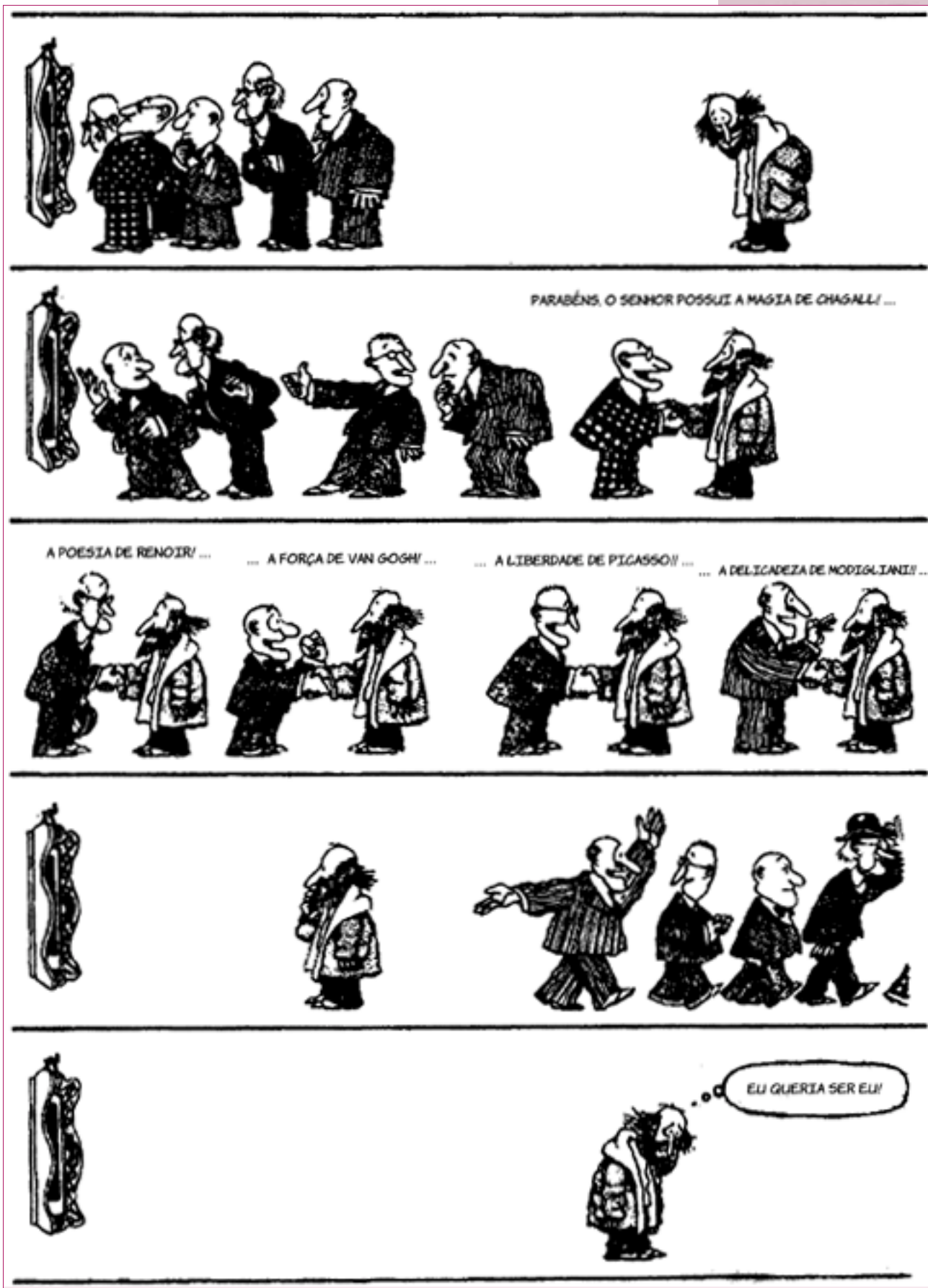
c. Quando o gerente chegou, perguntou ao segurança quem havia quebrado a vidraça.

2. O trecho abaixo, extraído do romance *Vidas Secas*, apresenta um segmento em discurso indireto livre. Identifique-o e, a seguir, construa esse mesmo segmento em discurso direto e depois em discurso indireto.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se esponjariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos enormes. (p.91)

3. Leia o cartum criado por Quino, na página seguinte. Observe que o discurso reportado (citação) é usado para reforçar as nossas próprias idéias, mas pode substituir as palavras quando não se tem nada a dizer, como ocorre nesse texto. A seguir, crie um texto em que você possa utilizar as falas das personagens retratadas pelo cartunista.



Fonte: Quino. *Artes e partes*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

SUGESTÕES DE LEITURA

Se você deseja conhecer outras obras de literatura em que os autores empregam o discurso indireto livre, pode escolher, por exemplo, textos de Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, entre outros. Como sugestão, indicamos o romance *João Miguel* de Raquel de Queiroz, publicado em 1932.

Para saber mais sobre histórias em quadrinhos, leia o livro *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula* de Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela, Ângela Rama e Waldomiro Vergueiro. São Paulo: Contexto, 2004.

Ainda sobre quadrinhos, visite os seguintes sites:

www.fabricadequadrinhos.com.br

www.custodio.net

Unidade 3

Níveis de significação do texto: significação explícita, significação implícita, denotação e conotação

Em muitos discursos, como o literário e o humorístico, significados paralelos sobrepõem-se ao significado *denotativo* de um termo – também conhecido como sentido básico, “literal” ou “de dicionário”. Pode-se dizer que, devido a uma estratégia de construção textual, cria-se um efeito de sentido chamado, nesse caso, de sentido *conotativo*.

Geralmente, os textos denotativos não empregam palavras às quais possam ser atribuídos múltiplos sentidos, isto é, evitam termos polissêmicos (termos com várias significações, como “a *cabeça* do alfinete”; “o *cabeça* do grupo”; “dor de *cabeça*”). Quando isso não é possível, estabelecem orientações que delimitam o sentido textual por meio do contexto.

Por outro lado, os textos conotativos utilizam intensamente termos polissêmicos ou construções ambíguas, e devem ser lidos a partir dos vários sentidos que as palavras evocam. Nesse tipo de texto, o que importa não é tanto o seu sentido evidente, mas a sua capacidade de sugerir e criar efeitos de sentido múltiplos.

Vejamos a tirinha. Abaixo:

(1)



A graça desse texto pode ser explicada pelo jogo de palavras construído pelo enunciador. Ela resulta do duplo sentido que a palavra *chato* adquire no contexto. O adjetivo *chato*, relacionado ao formato do planeta na região polar, significa plano, achatado, sem relevo. Entretanto, quando referido à situação (atmosfera ou clima psicológico) do planeta nos domingos sem futebol, expressa a idéia de aborrecido, tedioso, maçante.

Esse jogo de linguagem que instaura o humor está relacionado a um uso da linguagem. No sentido denotativo ou literal, o termo *chato* significa plano,

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

mas no uso conotativo ou figurado, principalmente empregado na variante popular ou informal da língua, carrega a idéia de maçante, tedioso.

Os textos publicitários se utilizam muito da ambigüidade de sentido para chamar a atenção do leitor. Observe o exemplo:

FOLHA DINHEIRO

Economia
é como carro:
conforme muda
o câmbio,
vai para frente
ou para trás.

Folha Dinheiro, diariamente, na Folha
Ligue **0 880 703 8000** www.assinefolha.com.br

FOLHA
Não dá pra não ler
www.folha.com.br

(Texto publicado no *Guia da Folha de S. Paulo*, de 13 a 19 de agosto de 2004, contracapa).

A palavra *câmbio*, neste anúncio, apresenta duplicidade de sentido:

- câmbio* (substantivo derivado do verbo *cambiar*) significa troca ou permuta de moeda estrangeira;
- câmbio* de automóvel: alavanca que serve para trocar a marcha do veículo, fazendo-o andar.

Como o assunto economia é complexo, o jornal *Folha de S. Paulo* busca, com o anúncio, divulgar o caderno de economia “Folha Dinheiro” por meio de uma linguagem simples, visando a tirar desse tema a carga que todo brasileiro lhe dá de ser muito específico e que só pode ser compreendido pelos indivíduos que têm conhecimento da área. Para isso, introduz o enunciado com uma comparação: “Economia é como carro”, e a partir daí pode usar a palavra *câmbio* e instaurar no texto o seu sentido, baseado também na duplicidade de “para frente e para trás” em termos de espaço físico e de “espaço” em relação a desenvolvimento.

Atividades

1. Leia a *charge* colocada a seguir, retirada do jornal *Folha de S. Paulo*, em 11/04/2004, 1º caderno, página 2, na seção intitulada “Opinião”. Para compreender o significado desse texto, é preciso analisar a situação discursiva, observando quem são as personagens representadas nessa caricatura. Ou seja, você precisa relacionar o que está ocorrendo no quadro representado e o que de fato acontece no contexto sócio-histórico do leitor do referido jornal. A seguir, procure explicar o jogo de palavras que cria o humor dessa *charge*.



2. Vejamos os poemas:

Lâmina

Leio no brilho do teu olho
Meu corpo – dado como morto –
Re-nascido.

Escrevo na folha do teu corpo
Meu nome – antes sem voz nem paz –
Re-citado.

Calado e inteiro ao teu lado
Te ofereço a face
Te estendo a mão
E estou ao alcance da tua alma.

Calma, eu posso te ver em mim
E me ver em ti:
Corpo e Alma:
Reflexos, ecos, pedaços completos:
Amor.

(Bedani, Sílvio. *Quadrívio*. São Paulo: Plêiade, 1997, p. 25.)

Nome

algo é o nome do homem
coisa é o nome do homem
homem é o nome do cara
isso é o nome da coisa
cara é o nome do rosto
fome é o nome do moço
homem é o nome do troço
osso é o nome do fóssil
corpo é o nome do morto
homem é o nome do outro

(Antunes, Arnaldo. *Na virada do século – Poesia de Invenção no Brasil*. São Paulo: ETCetera, 2002, p. 69)

Procure explicar o efeito de sentido produzido pelas escolhas lexicais feitas pelos autores de cada texto, relacionando com o título dos poemas.

SUGESTÕES DE LEITURA

Para saber mais sobre denotação e conotação, leia os capítulos referentes a esse tema e também ao uso do sentido figurado por meio de construções metafóricas e metonímicas no livro *Para entender o texto: leitura e redação* de José Luiz Fiorin e Francisco Savioli Platão, publicado pela Ática, em 1990.

Procure ouvir um CD de Itamar Assumpção, *pretobrás – por que eu não pensei nisso antes...*, cujas letras apresentam um redimensionamento polissêmico das palavras. Segundo os críticos, as músicas são de excelente qualidade, o humor é ácido e inteligente, há trocadilhos e jogos de linguagem, que fazem com que as letras mereçam ser ouvidas com bastante atenção. Consulte o site www.atracaocom.br e saiba mais sobre a obra.

Leia mais sobre a atividade da escrita revelada, de modo significativo, neste depoimento de Graciliano Ramos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota.

Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

(Graciliano Ramos, em entrevista concedida em 1948)

Unidade 4

Intertextualidade

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

O termo *intertextualidade* é usado para significar que há uma relação entre textos, ou seja, tudo aquilo que é dito, expresso por um falante ou por um enunciador não pertence somente a ele, na medida em que em um discurso são percebidas outras “vozes” que podem ser identificadas ou não, distantes ou anônimas, impessoais ou mesmo imperceptíveis que ecoam durante o processo de produção. Esta noção de “vozes” nos auxilia a compreender a intertextualidade como a propriedade que têm os textos de apresentar, de modo explícito ou não, a presença de outros textos e, valendo-se desse fator de organização textual, gerar o sentido pretendido.

Cabe ainda destacar que o termo intertextualidade foi proposto por Júlia Kristeva, na década de 60, para designar o processo por meio do qual o texto se constrói; sendo todo texto “absorção e rejeição de outro texto”. Essa definição leva outra lingüista, a professora Eni Orlandi, em 1983, a estabelecer a noção de incompletude, isto é, todo texto é necessariamente incompleto, dada sua relação com outros textos e com o conhecimento de mundo do locutário (leitor / ouvinte).

Na unidade 2, trabalhamos com uma tirinha de “Rato de Sebo” em que o enunciador faz uso da intertextualidade para construir o seu texto e criar a ironia. O enunciador apresenta a narrativa, em 1ª pessoa, com as seguintes palavras: “Quando nasci veio um anjo torto e disse...”. A seguir, temos a voz do próprio anjo em discurso direto: “Vá ser rato de sebo na vida”. Para um leitor que tenha um conhecimento enciclopédico (também denominado conhecimento de mundo, que pode ser adquirido por meio de leitura e estudo ou de modo informal) a respeito da literatura brasileira, vai reconhecer de imediato a relação com um outro texto: o poema intitulado “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade, que integra a obra *Alguma Poesia*. Nesse poema, podemos ler na primeira estrofe:

(1)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche*¹ na vida.

A expressão *anjo torto* empregado no poema conota para o termo *anjo* um efeito divergente do seu significado original de “ser celestial repleto de bondade e protetor dos humanos”, e esse sentido é reforçado pelo verso “desses que vivem na sombra”, que contraria a idéia de que os anjos vivem na

1. Adjetivo francês que significa “sem jeito”.

“luz” e são “seres iluminados”, já que a sombra – ou as trevas – seria o lugar daqueles que não são bons, ou seja, os anjos caídos.

Entretanto, na tirinha o termo anjo é empregado em seu sentido denotativo; o anjo é torto, ou seja, “não é reto, é curvado” e isso somente é comprovado no último quadrinho: o anjo é torto porque carrega livros pesados.

A ironia instaurada na tirinha é provocada pela descoberta do *segredo* do anjo, e não de suas palavras, como seria de se supor, fazendo a relação com os versos de Drummond; ou seja, o que importa é saber o porquê de o anjo ser torto. O leitor que estabelece essa relação intertextual consegue um grau de compreensão maior, fazendo uma leitura mais profunda do texto.

É importante lembrar as palavras de Roland Barthes, estudioso francês que em 1974 afirmou: “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

Além dessa intertextualidade, presente em todo e qualquer texto, pode-se falar, ainda, da intertextualidade em sentido estrito: a das citações, referências, discurso relatado, retomadas. Constituem também exemplos a intertextualidade que aparece na paráfrase (um texto B restaura, total ou parcialmente, o conteúdo do texto A, por exemplo as *Fábulas* de La Fontaine) e na paródia (um texto B apresenta uma imagem invertida do texto A, por exemplo: *Fábulas Fabulosas* de Millôr Fernandes). Nestes casos, o leitor necessita de um repertório que o habilite a identificar os textos superpostos.

Vejamos a letra da música “Os argonautas” de Caetano Veloso, produzida em 1969.

(2)

Os argonautas

o barco

meu coração

não agüenta

tanta tormenta

alegria

meu coração

não contenta

o dia

o marco

meu coração

o porto

não

navegar é preciso

viver não é preciso

o barco

noite no teu tão bonito

sorriso solto perdido

horizonte

madrugada

o riso

o arco

da madrugada

o porto

nada

navegar é preciso

viver não é preciso

o barco

o automóvel brilhante

o trilho solto o barulho

do meu dente em tua veia

o sangue o charco

barulho lento

o porto

o silêncio

navegar é preciso

viver não é preciso

navegar é preciso

viver

(in: *Literatura Comentada*. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, históricos e críticos por Paulo Franchetti e Alcyr Pécora. São Paulo: Abril, 1981, p. 56-57)

Segundo os organizadores do volume sobre Caetano Veloso, publicado na obra *Literatura Comentada*, o compositor revela certo gosto pela “construção de versos a partir da correlação entre palavras ou conjuntos de palavras que, usualmente, não são empregadas lado a lado” (p.43). Ainda para esses estudiosos, a disposição gráfica em que o poema foi colocado não é a única possível, na medida em que a própria escolha já indica certa orientação para um tipo de leitura; entretanto, essa disposição está baseada na maneira como o poema é cantado pelo próprio compositor na versão de 1969.

Ao ler o texto, observamos que com os versos “navegar é preciso / viver não é preciso” o enunciador faz menção aos navegadores antigos e, certamente, ao texto “Palavras de Pórtico” escrito pelo poeta Fernando Pessoa, que diz o seguinte:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo de nossa Raça.

(in: Pessoa, Fernando. *Obra Poética*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976, p. 15)

A relação intertextual estabelecida permite compreender o texto de maneira mais eficaz e faz o leitor criar um outro olhar para os versos do poeta Caetano Veloso, encontrando talvez a dimensão do domínio que ele tem das palavras.

Atividades

1. Leia a letra da música “Bom Conselho” de Chico Buarque de Holanda. Você perceberá que o texto é feito com provérbios ou ditados populares, só que eles aparecem invertidos. Faça um levantamento desses provérbios espalhados pelo texto e tente reconstruí-los em sua forma original.

Bom Conselho

Ouçã um bom conselho
Que lhe dou de graça
Inútil dormir
Que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Estã provado
Quem espera nunca alcança
Ouça, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com o meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que
Não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

2. Ainda em relação ao texto anterior, busque refletir sobre o significado da utilização do provérbio, que pode ser considerado uma espécie de “clichê ou chavão de pensamento”. Quem o utiliza? Para que serve? Ou em que situação ele é empregado? O que representa a “sabedoria proverbial”?

3. Você consegue estabelecer alguma correspondência entre o provérbio e a estrutura social? De modo geral, em que tipo de sociedade os provérbios são utilizados? Qual o sentido da inversão dos ditados populares no texto de Chico Buarque de Holanda?

SUGESTÕES DE LEITURA

Para saber mais sobre escritores contemporâneos que fazem uso de estratégias de construção textual como paráfrase e paródia, visite o site www.releituras.com

Leia ainda o livro *Fábulas Fabulosas* de Millôr Fernandes, publicado pela editora Nórdica, do Rio de Janeiro, 1963.

Pesquise sobre textos que estabelecem diálogos intertextuais entre si. Vale a pena conferir:

- a. “Canção de Exílio” de Gonçalves Dias, in *Presença da literatura brasileira: das origens ao romantismo*, obra organizada por José Aderaldo Castello e Antonio Candido. São Paulo: Difel, 1974, p. 262.
- b. “Canto do Regresso à Pátria” de Oswald de Andrade, in *Presença da literatura brasileira: modernismo*, obra organizada por José Aderaldo Castello e Antonio Candido. São Paulo: Difel, 1977, p. 81.
- c. “Canção do Exílio” de Murilo Mendes, in *Presença da literatura brasileira: modernismo*, obra organizada por José Aderaldo Castello e Antonio Candido. São Paulo: Difel, 1977, p. 181.
- d. “Sabiá” de Tom Jobim e Chico Buarque, no site www.chicobuarque.com.br

Em relação ao “Poema das sete faces” de Carlos Drummond de Andrade – in *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.5 –, é interessante que você o confronte com a canção “Até o fim” de Chico Buarque, escrita em 1978. Você poderá encontrá-la no endereço www.chicobuarque.com.br/letras/ateofim_78.htm

Sobre a obra de Caetano Veloso, veja o site www.caetanoveloso.com.br

Bibliografia

- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.
- KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

Sobre a autora

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Doutora em Semiótica e Lingüística Geral, é professora de Filologia e Língua Portuguesa da USP, autora de *Relevância e contexto*. São Paulo: Humanitas, 2001; e co-autora de *Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo, Cortez, 1999.